

"Considerações sobre arte conceitual, a partir de Joseph Kosuth a Joseph Beuys; em a arte analítica em um ser agnóstico tendo a matéria como linguagem".

Giselli Murari

Resumo: Meu texto tem por objetivo refletir sobre a extensão dos objetos artísticos da filosofia, já que esta não pode estar expressa de maneira palpável. E, sobretudo, refletir como a arte é fundamentada nos aspectos formais do pensamento? E como se faz arte visual, sem a necessária produção de obras artísticas? E se é possível realizar arte sem a presença empírica do objeto artístico? E, por fim, quais os parâmetros de julgamento dessa arte?

Palavras-chave: crítica de arte, arte moderna, arte contemporânea

Résumé: Mon article vise à réfléchir sur l'étendue des objets d'art de la philosophie, car elle ne peut pas être exprimé d'une manière tangible. Et par-dessus tout, et de réfléchir sur la façon dont l'art est basé sur les aspects formels de la pensée? Et est l'art visuel, sans la production nécessaire d'œuvres artistiques? Et si il est possible d'effectuer art empirique sans la présence de l'objet d'art? Et enfin, dont les paramètres jugement cet art?

Mots-clés: critique d'art, art moderne, art contemporain

O conhecimento por convenção escolástica é uma relação, na qual se estabelece entre um "sujeito" cognoscente, ou seja, sujeito autônomo no seu próprio processo de construção de pensamento.

No qual a racionalidade é a característica fundamental do “eu”; aquele que observa, interage por via de um objeto. Tão somente que de modo este pressupõe dois elementos fundamentais: *“Ação do sujeito a fim de conhecer o objeto”*.

Por extensão, está relação de conhecimento estabelecida entre objeto e sujeito implica modificações tanto do sujeito quanto do próprio objeto. Pois o sujeito se transforma e é mediante este fato que somente ocorre o novo saber onde o objeto referido se transforma atribuindo-lhe um novo sentido. *“Um sentido existencial”*.

De fato, o saber filosófico rompe com as tradições ao afirmar que o homem chegará, sim, ao conhecimento, mas pelo simples fato de ser um sujeito cognoscente, sem, contudo, a necessidade de um ser ontológico- *um ser existente único e exclusivo advindo no mundo das ideias*.

Não obstante, os estudos metafísicos justificariam a questão do ser, ao passo que o pensamento torna-se consciência ou sujeito que conhece quanto a isso o sujeito representa o ser como objeto.

Ver não é suficiente; é preciso olhar também há um processo de a agnosia, uma falta de capacidade ou de impulso para olhar, para agir com a visão — uma ausência de comportamento visual. O ato de olhar — como uma orientação, um comportamento.

Por outro lado, nos parece inaceitável tratar o indivíduo como um instrumento morto, pois se um homem torna-se mestre de princípios fundamentais de seu assunto obterá instantaneamente uma resolução exata para a questão: *“Ação do*

sujeito a fim de conhecer o objeto”.

De modo que apreendeu o conhecimento; a pensar e a trabalhar e, por via de fato, este seguramente, de maneira independente, segue com segurança o seu norte confiante.

Segundo, Oliver Sacks psiquiatra, psicanalista e autor:

Nós que nascemos com a visão mal podemos imaginar tal confusão. Já que, possuindo de nascença a totalidade dos sentidos e fazendo as correlações entre eles, um com o outro, criamos um mundo visível de início, um mundo de objetos, conceitos e sentidos visuais. Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não nos é dado: construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória e reconhecimento incessantes.

O propósito é refletir que o contemporâneo não significa defender um pensamento evolucionista e que esse momento fosse superado pelo momento posterior que por convenção incorpora em seu repertório termos como "ruptura" como algo que enganosamente é tratado como *distância temporal*.

A arte depois da filosofia é um dos manifestos mais relevantes no que tange a arte conceitual onde Joseph Kosuth visa segregar o campo da estética dos domínios da arte e criticou com veemência a arte formalista. Segundo Joseph Kosuth:

“A arte formalista (pintura e escultura) é a vanguarda da decoração e, literalmente falando, pode-se razoavelmente afirmar que sua condição artística é tão mínima que, para todos os efeitos funcionais, não é arte, mas sim meros exercícios de estética”.

Kosuth defende que o verdadeiro artista contemporâneo deve libertar-se por completo de preocupações de caráter morfológico e questionar a natureza da arte e sua função. Sobre esse assunto, ele é categórico:

A validade da arte não está ligada à apresentação de experiências visuais ou quaisquer outras. (...) Se alguém está investigando a natureza da pintura, não está investigando a natureza da arte. (...) Os artistas questionam a natureza da arte ao apresentar novas proposições quanto à sua natureza. E, ao fazer isso não pode haver preocupação com a linguagem gasta da arte tradicional.

Para Kosuth, o artista é um intelectual e possui a responsabilidade de questionar a função da arte e sua própria atuação como pessoa e como artista. No qual insiste na necessidade de uma produção teórica paralela à produção plástica cujo qual visa apreender o artista a responsabilidade de uma crítica em relação ao trabalho de arte.



One and Three Chairs, 1965.

Um exemplo, uma e três cadeiras de Joseph Kosuth estabelece uma relação de arte e linguagem.



Repare que mesmo em Kosuth essa questão da "ausência do objeto", como existência e analogia e é controvertida ao olhar, basta para isso ver a obra-instalação: *One and Three Chairs*- onde os objetos estão presentes visualmente, estando apenas respaldada por quadros conceituais explicativos que dão sentido textual a obra.

Portanto, sendo esta a parte unicamente imutável do projeto, daí o fato de haver em minha opinião uma complementação ou suplementação a um objeto, que apenas aparentemente "sumiu".



Retomando *One and Three Chairs*- mesmo ao trocar o estilo das cadeiras elas existirão visualmente e será a mesma instalação mesmo que seja exposta em galerias diferentes, com diferentes cadeiras.

Entretanto, concordo plenamente que o objeto tenha "sumido", diante de indagarmos quem é o proprietário da obra?

Neste sentido, não só o objeto some por completo, como também qualquer pretenso galerista que exponha à obra, sendo questionável inclusive a propriedade física e concreta dos objetos que a compõem para qualquer um que a exponha.

Kosuth neste contexto seria sim apenas o mentor intelectual, ou tão somente o proprietário de uma ideia, um conceito de autor pela propriedade de um conceito imaterial.

E uma investida frontal contra o “formalismo” ocorreu também com Joseph Beuys, onde explana em seus registros uma tradição cultural que nos remete como a ideia de totalidade e a busca pela unidade do ser humano; antes fragmentado.

Das concepções científicas, Segundo Beuys, para a realização de uma mudança social, essa deveria necessariamente iniciar-se pela esfera cultural e, em um ambiente de liberdade, uma ideia amplamente defendida por ele.

Portanto, se tornaria possível, mediante, a ideia de exclusividade lhe conferir a distinção de tudo que não é ela mesma.

Aquilo que nós com ligeireza chamamos realidade não existe não é real, só se torna realidade através da arte. Por outras palavras, a arte nunca faz uma afirmação sobre a realidade, mas é ela mesma a única realidade que existe.

Para Beuys, a ligação à natureza é, pois, uma espiritualização do futuro, como na antroposofia que subjaz à sua formação e a pesquisa espiritual de Beuys jamais procura no passado as respostas.

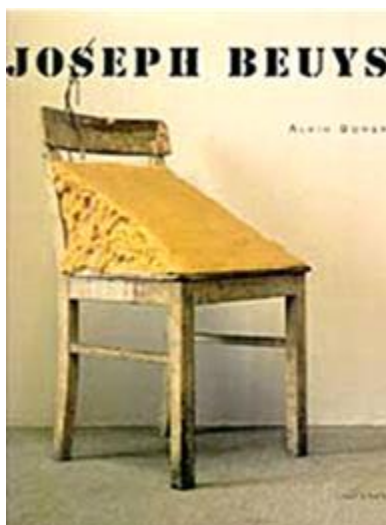
Para apreendermos seu significado a antroposofia é uma filosofia cujo pensamento reúne dados científicos, artístico e espiritual numa unidade que explana as questões mais profundas do homem moderno sobre si mesmo e sobre suas relações com o universo.

Contudo, propõe integrar o passado espiritual num projeto de futuro numa dada espiritualidade consciente e não atávica; não adquirida, mas construída cujo qual ultrapassa o irracional e o racional, mediante uma procura em que o "oculto" se torna "manifesto".

“E o produto artístico de Beuys é o cotidiano, acessível a todos desenrolado em um processo contínuo, obra explícita a todos os imaginários que na participação, no

debate e na ação solidária cria-se a mudança de perspectiva.”

E o processo de transposição revela que a arte não produz uma realidade já existencial, mas, não obstante, reformula a sua realização por seus próprios meios.



Cadeira de Gordura, 1964.

Exemplifica-se o exposto, os materiais considerados por Beuys por excelência têm a gordura, assim como a cera, é uma substância amorfa, versátil, passível de ser moldada demonstrada na obra acima.

Esta, portanto propõe uma analogia com a: *“Ação do sujeito a fim de conhecer o objeto”*. ***O sujeito como um ser versátil, passível de ser moldado proferido por Beuys e explorado por Kosuth. Trata-se, portanto de uma mudança espiritual frente ao objeto apreciado.***

Já que, está metaforicamente ligada ao princípio da escultura social do artista segundo Carmen Bernárdez:

“na teoria escultórica do artista, este movimento entre estados é uma mudança física do movimento espiritual que conecta e desliga os estados do ser humano: pensamento, sentimento e vontade.”⁷² É uma substância que se transforma de acordo com as condições do ambiente em que se encontra.

No que diz respeito às imagens técnicas ela fora essencial para documentação das ações da arte corporal fala-se em "*performance*" exaustivamente explorada por Joseph Beuys

Do exposto, pensa-se sobre imagem conceitual o que se visualiza conceitos dá visibilidade às ideias em arte e por isso é obra, já confrontados por Joseph Beuys e Joseph Kosuth.

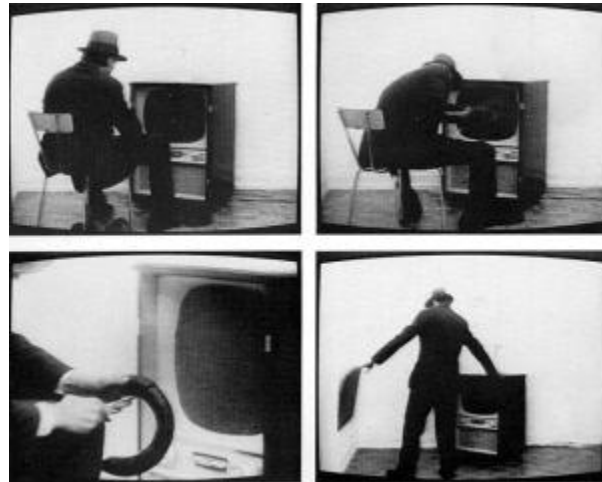
Para entendermos com devida clareza no que se refere o termo imagem conceitual, em outro plano investigativo, deve-se, portanto, compreender o seu significado.

Segundo David Tall e Shlomo Vinner a imagem conceitual é um tipo de imagem que descreve toda a estrutura cognitiva que esta associada ao conceito. No qual, inclui todas as imagens mentais, ou seja, conter imagens de representações visuais, impressões apreendidas.

Quando estimulada a percepção de si próprio torna-se capaz de distinguir a criatividade humana por necessidades concretas sempre atuais onde o potencial do homem emerge na história atual como um ser em constante transformação.

E a obra de Marcel Duchamp pontuou com clareza o que Joseph Beuys e Kosuth revelaram-nos onde essas mesmas transformações ocorreram mediante o pensamento em arte, e seus textos se configuraram, principalmente, como textos de arte.

Do explanado, em conjunto com as obras de artistas, contribuíram para a constituição da categoria imagem conceitual como objeto de estudo.



Uma performance apresentada por Joseph Beuys - A 'TV' são as luvas macias com que infligem violência em nós mesmos. Autocastração. Nós tentar acasalar com ela. Nós mutilar o que resta da salsicha para atender a uma superfície dura e fria... Talvez... A caixa é mais eficaz como uma ferramenta simples. Beuys aponta diretamente para nós a partir de 40 anos.

“Imagem como conceito” é uma ação advinda não tão somente do processo industrial da sociedade. Na qual fez com que as artes plásticas deixassem de exercer um papel dominante na produção do conjunto de imagens presentes no cotidiano.

Pois, o setor da indústria que se dedica à produção de imagens visuais passou a produzi-la e a reproduzi-la de modo vertiginoso, tendo como base a reprodutibilidade técnica da fotografia. Uma ação técnica já explorada por Walter Benjamin em “A Arte na era da sua reprodutibilidade técnica”

Desde as transformações sociais promovidas pela revolução industrial, que a visibilidade artística, no qual detinha a produção de imagens visuais foi reduzido a um segmento a um sistema mais complexo que é o da indústria da imagem.

“a produção de arte tornou-se o que cremos ser uma expressividade subjetiva, na medida em que a relação de um espectador com uma obra é mediatizada a priori pelo fluxo de imagens que sempre precede o encontro com a obra (ARGAN, 1993)”.

Por isso, para uma obra de arte se fazer visível no sistema da arte e se introduzir na visualidade contemporânea precisa-se ter uma dimensão imagética seja em vídeos documentários, entre outros meios.

A fim de cumprir o papel de mediar o encontro da obra com o sistema e deste com o espectador. Além da mediação, há o fator importante da multiplicação da obra imagem de arte.

Portanto, o que torna secundário a leitura é que esta teoria representa a valorização acerca das posturas e atitudes dos artistas em relação à realidade. E o que torna pertinente na disposição para a forma que se manifesta sobre criação de imagens imagetivamente expressivas e unificadas pelo sentimento.

Ao qual atribui aos objetos à propriedade de agirem sobre as nossas reações psicofísicas.

Revelou-se, portanto, o início a uma nova produção artística o que libertou o artista do julgo do suporte, do formalismo e o tradicionalismo acadêmico. Assim, permitindo-lhes as possibilidades de uma nova estética conceitual.

Sem que para isso o artista deva deter-se ao julgo do suporte, por exemplo, uma tela, papel ou ao objeto escultórico. Marcel Duchamp, num momento artístico que privilegiava a explicação e análise do processo artístico e as convicções individuais.

Contudo, as suas premissas traduziram-se essencialmente em suscitar dúvidas, encenar atitudes e preceitos contraditórios, tornar ambígua qualquer entrevista ou escrito.

Por esta razão considera-se a autoria de Duchamp necessária para o estudo da arte: porque a mesma surge, se não pela primeira vez pelo menos explicitamente em uma forma e conteúdo total.

A autoria funciona aqui como um todo, não separado da obra e da sua apreensão nem do sujeito. Mas, Duchamp excluiu-se do percurso tradicional da história da arte, transferindo a necessidade de pensá-lo para outras vias que não as da documentação visual e escrita.

Os seus ready-made podem figurar em praticamente todos os manuais de História da Arte, mas pouco nos dizem enquanto documento estético, a não ser que conheçamos a filosofia e o percurso a eles adjacente.

Ora, é evidente que ao centrar a atuação nas motivações múltiplas que o seu trabalho exerceria, tanto em si mesmo enquanto produtor e espectador como nos restante fazedores/espectadores do futuro.

Portanto, Duchamp estava a situar a sua atividade no campo da autoria, das várias autorias extensíveis a todos.

